

A REVISTA

Col. 11

.....
**Ilustração
mensal**



Director artistico: Eduardo Malta
Proprietario: Mario Sande—Redactor principal: Ma-
nuel Rodrigues Leal
Editor: Antonio Filipe de Gouvêa—Redacção e Admi-
nistração, R. do Diario de Noticias 61—LISBOA.
Composição e impressão, Serviços Gráficos do Exer-
cito. R. do Poço dos Negros, 81-1.º — LISBOA.

TERRAS DE
PORTUGAL

PORTUGAL

Composto e impresso na Imprensa
de Manuel Lucas Torres
R. Diário de Notícias 59 e 61, Lisboa

J. 2819/14 B.

Solilóquio, contra o tempo, dum enamorado

“Trinta e oito anos a perfazer para o S. Barnabé, no mês arqui-juvenil das cerejas e da passarinhada nova! Com terror me quedo a divisar a alameda outonal que, espinhosa e amarelecida, conduz à porta negra de dois côvados, passante a qual, adquirem identico quilate a voluptuosidade mais canalha e a pureza mais diáfana.

O *De Senectute* de Cicero, que tenho lido e relido a preceito, não me varreu do espirito uma só dèssas sombras molestas, como maçagens e unguentos não me atrazaram um só minuto o dealbar dos cabelos na cabeça. Faltam-me, de certo, a doutrina estoica e a virtude para trilhar de ameno passo e conformado parecer a gélida vereda. E’ avessa ao curso da natureza esta minha nausea; mas como no Dr. Fausto, ao meu génio repugnam as vicissitudes da bela matéria humana. Acaso seja esta rebeldia um testemunho de mocidade. Prouvera a Deus. Bem sei que Aristoteles, que aprendeu com Hermia os segredos do amor, estabelecia como idade do perfeito matrimonio vinte anos a mais no homem que na mulher.

Podia, pois, esta donazinha louçã ser a esposa ditosa do churro galaroz que eu sou, consoante as regras da madre filosofia. E consoante as regras da santa madre Igreja a qual, no que respeita à fisiologia do *magno sacramento*, se quarentena novos não aposenta velhos. Podia, se eu, além das brancas que andam a florir meus cabelos castanhos, não sentisse já a borra que o tempo vai exsudando do plasma, uma quebra na elasticidade dos tendões, um vigor prestes quebrantável, e o alfinete artritico, de quando em vez, mais penetrante que o pior remorso. Lutar com o tempo seria como reacender a peleja dos gigantes com os deuses. Convenho, ó Marco

Tulio Cicero, filho mimoso de Minerva, que as querelas contra a velhice derivam dos maus costumes e não da idade. Mas o homem viveu, não pode refazer a existencia como lavrador a uma geira mal lavrada; raros poderão, também, esperar o ocaso com a plácida compostura e gentil indiferença de Fabio Maximo, opulento, virtuoso e respeitado. E eu creio, ó Enio, que ao comparares o teu repouso glorioso de ancião ao de um cavalo, que correu e venceu em Olimpia, não foste mais que poeta. Quanto a mim não me consolo de haver perdido já o melhor da juventude. Era a minha única opulencia; estou quasi tão arruinado como Job.

Amei a trouxe-mouxe mulheres honradas, de nome honrado, e sem honra nenhuma. Tantas, já—loiras, morenas, ruivas; esposas, solteiras, amancebadas—que se trouxessem seus amantes e seus maridos, e estes, por sua vez, suas concubinas, povar-se-iam os logares públicos duma capital. Delas, Maria Lotária é a intemerata saudade, Angela meu remorso de egoista. Esta não foi minha amante peito contra peito, boca contra boca. Era filha-familia formosa, rica e prendada. Nas sombras fagueiras do seu jardim antigo, com renques de buxo, uma vara acima de nossas cabeças, o silêncio, os estos da terra luxuriante a incitar-nos ao amor, não cometemos pecado além do venial. Estava eu na sazão em que a meia caricia não basta. Não teve segurança em ousar e enfadou-me; não pude vencer meu enfado e perdi-a. Casou com um bacharel de mãos peludas e legitimista e deve ser feliz. Com ela poderia ter-se desviado o curso do meu destino para a comoda e branda quietude burguesa. Não que fôsse tendência sua; montava a cavalo como uma amazona e regia um carro como auriga do tempo de Pericles. E' de crer, porém, que os pantufos familiares, bordados a tapete, me criassem habitos regrados, de ciumento e sedentário. Este agosto estive tentado a fazer-me encontradiço com Angela. Um luaceiro de esperança na minha alma impenitente de D. João; desisti, porque aconteceu ver-me ao espelho quando assim conspirava. Adeus, de tudo tenho feito grande desbarato, menos da loucura que, graças a uma doce e misteriosa providência, não é cabedal dissipável. Deixei de ser marido modelo, papá de louras crianças, *gentleman-farmer* a experimentar processos estupefacientes de super-cultura; fiquei homem livre, nos parêntesis da preguiça escrevendo novelas verosímeis e

teatro sério para os menos sérios que eu. E' um exercício penitencial com que hei de justificar o meu direito ao Paraizo. E lá vou sob o sestro impiedoso do «Demónio do meio-dia», hoje com Elsa, amanhã—quem sabe?—até a dor de ser um caminhante sem rumo se extinguir na bemaventurança do imperturbável e imóvel nada. Mas não me resigno a envelhecer em despeito da copiosa leitura que pratico dos teólogos de repousado pensar e dos filósofos de bom conselho. Cicero, Séneca, Boécio, prégaís ao vento! Mais forte que a vossa sabedoria é a minha humanidade. Eu sinto o desespero, para vós miseravel, daquele atleta caduco de Crotona, que nas Olimpíadas de uma punhada com braço nú abatera um toiro e o levára ás costas, sem fadiga, pelo espaço dum estádio; sinto as suas vozes lamentosas ante os moços ageís que no campo se exercitavam ao disco e ao dardo:

—Braços meus, já morrestes!

Tambem em mim dobra a finados; começa-se a morrer não desde o dia em que se nasce—como rezam os Santos Padres—mas desde o dia em que na nossa cabeleira desponta a primeira ruça. E' a hora de entrar para o claustro quem tenha pachora disso e votar a alma a Deus. Eu sou pagão e iconoclasta, com pena de não poder ser relapso até fim às leis divinas e humanas, e está-me vedada tal sombra.

A tragedia da primeira branca! A noção do tempo trouxe-ma ela. Eu sabia lá, áparte a explicação cosmológica, o que era o tempo, embora, em menino, a fabula me houvesse dito que tinha a sua imagem num velho calvo correndo, sem se cortar, pelo fio aguçado duma navalha de barba! Nem as festas de anos, nem a declaração de idade exigida a cada cotovelo da vida civil, nem os horários dos comboios, nem as letras a vencer ou os prazos dados das mulheres me incutiram a noção trivial, a noção util de tal categórico. Desde o primeiro cabelo branco comecei a encarar com reverencia o calendário. Foi há quatro para cinco anos. A flora grisalha desenvolveu-se a pontos que um boçal, um alvar caseiro me dizia:

—O senhor compadre também já vai estando entradote...

Sorri, de bom aspecto, mas, se ao alcance dos dedos tivesse o botão da campinha, que mata o mandarim, para me desfazer daquele labrêgo, o cura da minha serra tinha mais um bem-d'alma a esfolar.

Dos vitupérios que repreendes contra a velhice, Cicero amavel: empachar o governo das cousas materiais, tornar o corpo grave e enfermizo, aproximar a morte, tolher o homem de deleites—nenhum como este ultimo encontrou côro em meus temores e angústias. Debalde a tua voz toma os meigos e harmoniosos acentos duma flauta tocando à entrada do templo de Dionísio. Debalde, não confiado em tua dialectica do mais sagaz e persuasivo dos académicos, chamas em socorro o preclaro e sabio Architas de Tarento e nos conjuras a ouvi-lo. Diz o homem illustre por tua bôca:

«Não há na natureza flagelo mais desolador que a deleitação dos sentidos. Por mor dela, os homens se travam das piores rixas e se lançam ás mais desmarcadas insânias; se vende a patria e se deita a perder a republica; soldados e capitães chegam á fala e secreta intelligência com o inimigo, desertando a bandeira do principe. Por mor dela, o estupro, o adulterio, toda a casta de abominações conspurcam a face da terra; enfim, por mor dela não há iniquidade que se não pratique, nem torpeza que se não invente. Sabeis qual é o contrário mais assinalado do entendimento, esse precioso e primeiro bem que a natureza ou a divindade concedeu ao homem?

Ainda e sempre a deleitação. Que ela domine e é inutil procurar á sua volta a temperança, nem em seu reino e senhorio a virtude. Imaginai um homem inflamado na volúpia e dizei-me se é licito duvidar que tal homem se acha incapaz de conceber e tentar qualquer empresa com consciencia e discernimento?! Nada existe mais túrbido e pernicioso que a voluptuosidade, a qual, quanto mais intensa e demorada é, mais fácil apaga a luz da razão».

Assim será, mas a moral não tem presa sôbre a minha alma descontente e muito menos sôbre a minha carne insubmissa. Tomara eu que Mefistofeles me reservasse para os dias melancólicos a divina beberagem do rejuvenescimento. Emborca-la hia sem um gesto; que me importava não dispôr da divina faculdade da illusão, contanto que continuasse a reflectir-se em meus olhos o jogo risonho das aparências?! Emborca-la hia já agora, para me realçar aos olhos de Genoveva. Os engôdos da sensualidade! Se as lágrimas voluptuárias que tenho chorado, eu as podesse amassar numa única lágrima; se o amor que malbaratei o podesse concentrar numa só e inefável emoção; se os gosos que virei a sentir, os podesse pre-

levar ao tempo num hausto, apenas desta forma assim monstruoso e somado, me encontraria satisfeito no render tributo a esta jovem deusa, tão cheia de graça e cometedora».

AQUILINO RIBEIRO.

Páginas inéditas da 3.^a ed.
das **Filhas de Babilônia**,
debaixo de prelo.

Por muito amar três meninas,
Ando na vida entre abrolhos:
Uma és tu; as outras duas,
As meninas dos teus olhos.

Augusto de Santa-Rita.



ANTONIO PATRICIO

carvão de Eduardo Malta

É uma tarde de estio...

*

É uma tarde d'estio, é uma tarde de estio
ha vinte e tantos annos já extinta
Estou sob as japoneiras, vejo o rio,
e oiço os gritos dos pavões na quinta...
A minha mãe faz doce na cosinha,
e os meus irmãos (que agora estão com Ella)
sopram (e oiço-os rir) toda a tardinha

as bolas de sabão, a uma janéla...
N'essa penumbra glauca ha humidade...
E eu penso que nada, nada existe
tão bom como assim estar, um pouco triste,
numa preguiça em que já ha saudade...
Depois vêm-me chamar: é a merenda;
eu beijo as mãos de minha mãe, contente;
é sob a acacia do portão que arrenda
o ar da tarde luxuosamente...
Merendamos todos tres. Depois calados,
ficamos ao pé d'Ella a olhar a tarde;
e os olhos do Emilio, extasiados,
beijam-na sempre com um olhar que arde,
olhos de mago em que ha tanta doçura
(queria ser, em grande, marinheiro)
que se podia vêr que era o primeiro
que ia a sorrir, bater á sepultura...
Depois (ainda com tarde) veio a lua,
mirou-se, toda de ambar, sobre o rio!
E nada mais... as rálas... é estio...
calôr da terra que respira e sua...
a sombra caminhando pela quinta,
e os gritos dos pavões na tarde extinta...

Bremen, 1, Dezembro, 1915.

ANTONIO PATRICIO



Aves, ide fazer o ninho nas estrelas!

Lirios, abri na lua o calix prateado...

Daç, em volta do sol, as vossas mãos, donzi

Num místico bailado!

TEIXEIRA DE PASCOA

o meu japão

Acordei, saúdoso dum sonho macio e fofo, e pedi os jornais... A creada rapida, *sud-express*, com um penacho de fumo na touca branca, transportando o mundo às fatias, trouxe-me os jornais, cuidadosamente dobrados, sobre uma bandeja... Abri-os com o gesto apressado de quem toma o comboio, estiracei-os pela cama, enfiei os olhos pelo tunel fuliginoso das colunas em corpo & fui desembarcando nas gares trepidantes das parangonas, das letras altas e fortes... Depois tomei o paquete e fui viajando, tranquilo, no vasto oceano dos claros... De repente, topei com a catástrofe, a horrível catástrofe... As duas principais cidades do Japão, Tokio e Iokoama, tinham sido destruídos por um terremoto implacavel, feroz e único.

Fiquei indeciso, recusando-me a acreditar, convencido dum possível engano. Mas todos os jornais, avidamente percorridos, davam pormenores, noticias longas, detalhadas.

Puz-me então a evocar esse Japão distante, inverosímil e caprichoso, lanterna bariolada e longinqua, conto maravilhoso que outrora se deixou realizar...

E por mais que a minha intelligencia me gritasse toda a extensão da catástrofe, eu sentia apenas o pezar de ter perante mim, rasgado em mil pedacinhos, uma estampa rara de Hokusai ou o exemplar único dum romance de Loti, um romance de capa cõr da raça, de capa amarela...

Quiz reagir. Não podia ser... A minha indiferença revelava um caracter frio, insensível, nada fraternal... Pois não sabia eu ter uma attitude perante trezentos mil mortos e duzentas mil casas destruidas? Não. Era preciso fazer alguma coisa, demonstrar a minha dôr, interrogar-me bem, analizar os vestigios desse tremor de terra na minha vida interior... E puz-me a pensar, numa concentração dolorosa, disposto a ciliciar-me com o sofrimento dos meus irmãos, recusando a minha attenção a tudo o mais, firme no meu honesto desejo de dar toda a sua importancia à grande catástrofe, de a registrar, dentro de mim, em caracteres tipográficos...

Ao principio nada consegui. Tudo me distraía, tudo me preocupava mais do que a grande desgraça: um *rendez-vous* que era preciso não falhar, uma cronica a entregar, sem falta, a umas tantas horas, em certa redacção, as provas atrasadas do meu último livro...

Mas porquê? Porquê? Seria eu, por acaso, uma natureza mal formada!

Lembrei-me, numa vaga reminiscencia, duma celebrada página do Eça onde se afirma que o sentimento varia com a distância... Quanto mais longe se dá o acontecimento menos o sentimos. Ora... Uma frase do Eça. Se êle tivesse previsto a catástrofe apocaliptica destes trezentos mil mortos, não a teria escrito... Porque a verdade é que eu próprio, finalmente, estava dominado pela extensão do desastre. Nada me distraía, já começava a sentir uma certa humidade nos olhos e sentia-me prestes a cumprir o dever de velar, durante algumas horas, os trezentos mil cadáveres...

Mas nisto entrou, no meu quarto, a creada com o chá matinal servido numa taça do Japão, uma taça de figurinhas animadas e quebradiças...

O chá tem para mim o sabor duma ablução sagrada. O suave incendio das torradas apetitosas fez-me esquecer o horrível incendio das cidades tentadoras. Estava, novamente, muito longe do Oriente, muito longe das suas desditas, instalado, de novo, no meu egoismo confortavel. Atirei mesmo para o lado, no gesto de quem destroi mais umas tantas cidades, os jornais importunos. E quando ia segurar a chavena, delicada com um bebé ou como uma *poupée*, a creada tropeçou num tapete enrolado, a chavena tombou e quebrou-se em meia duzia de pedaços, tantos como as figuritas que passeavam em seu rebordo... E só neste momento eu tive a sensação da catástrofe.

Naquela chavena japoneza, única, destruida a um tremor do corpo da creada, eu vi duas cidades arrazadas, devastadas... E nas figuritas em cacos, pelo solo, eu vi montes de cadáveres, trezentos mil talvez...

Era raro o meu serviço de Japão.

Em Portugal não havia possibilidade de substituir a peça partida.

No Japão, a fábrica onde fora gerada aquela chicara delicada como um bebé, tinha sido provavelmente, destruida pela catástrofe. Que contrariedade...

E, nesse dia, eu fui uma alma civilizada. Não deixei de pensar, um minuto que fosse, no terremoto monstruoso, cruel, que me tinha destruido o meu Japão, o meu Japão de casca de ovo, o meu Japão de figurinhas animadas e quebradiças, onde eu tomava, como uma pastilha de sol, o meu chá matinal.

Antonio Ferro.



O', CAPRICE!

O' «caprice» de ter uma mulher bordada a «pont-à-jour»
pequena, a tratar do comer e da cama,
e eu chêinho de tonturas d'elegancia,
outras vezes velhacas
às cabriolas na cama!

Vê-la coberta de branco nupcial,
mulher talhada em felicidade e pomba,
mulher ménage «à moi-solitaire»

Estátua ardente embrulhada em flanela,
dá-me o teu fato e o teu sapato;
e eu te darei meu coração de pólvora,
e a cabeça de pólvora,
meus beijos e meus dentes,
em pequenas porções,
tudo miúdo!...

Figurinha velutínea,
cara judaica a cheirar a febre,
a febre fénica num caixão de veludo;
cara judaica escondida no fundo da copa
dum chapéu de veludo!

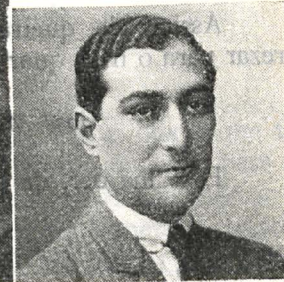
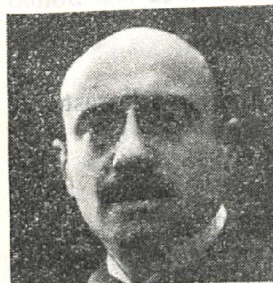
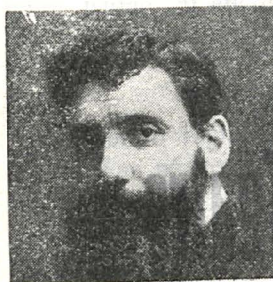
Dá-me o calôr da tua mão,
O busto e a fronte;
e eu te darei meu coração de pólvora,
e a cabeça de pólvora,
meus beijos e meus dentes,
em pequenas porções,
Tudo miúdo!

Nossas mãos encontravam-se ali
todas cheias de mãos e d'anciedade;
encontravam-se ali no mesmo rito,
menina, que tem 13 anos d'idade!
Tudo miúdo!...

MARIO SAA.



TRATRO "A REVISTA" cumprimenta



Teixeira Lopes, Joaquim Manso e Trindade Coelho, chegados dos Açores e Ilhas; Augusto de Castro e Antonio da Fonseca, novos ministros portugueses. O 1.º junto do Vaticano e o 2.º em Paris; Francisco Lage e João Correia de Oliveira, autores da peça «A Verdade» estreada em S. Carlos, com sucesso; João de Barros, chegado de Atenas aonde disse algumas conferencias suas e Pedro Bordalo Pinheiro, que ficou a dirigir o «Diário de Lisboa», a quando da partida de Joaquim Manso



Uma Cena de Teatro

"MINHO"

SCENA V

José Maria, depois dum grande silencio

Sabes ao que venho Rita? *olhando-a* Mas tu choraste...

Rita, amuada

Por via de ti. Pois se na vila já toda a gente o sabe...

José Maria

Já sei. Não te rales. Eu vim cá, para falar ao tio Joaquim no casamento.

Rita, alegre mas duvidosa

Assim êle queira... *fazendo menção de retirar-se*: Vou rezar para o meu quarto.

José Maria, detendo-a com um gesto

E se lhe der, de ruim, p'ra me dizer que não, — tu que fazes?

Rita, muito triste

Não sei.

José Maria, pega-lhe nas mãos caídas de abandono ; depois, diz-lhe a sorrir

Olha lá, Rita. Tu alembras-te quando fugias da minha beira,

TEATRO

como uma lebre? Davas mesmo a entender que não gostavas de mim. Então eu enchi-me de coragem e enfeitei-te de tal modo, que vais comigo ao altar.

Rita

Quando fugia de ti, já era toda doida pelas modas que cantavas. Mas não queria mostrar o que sentia, com medo que tu não me quizesse.

José Maria

Era a vaidade a prender-te. Depois o amor cresceu muito e a vaidade acoitou-se. *Resumindo com alegria* Ora! Já tinha de calhar. Era o destino. Parece que Deus, quando nos fez lá no Céu, talhou-nos de maneira a calhar-mos um para o outro.

Rita

Ninguém como Deus sabe o que faz. Cá por fóra, podemos não sêr bem parecidos, mas por dentro, no coração, havemos de ser iguais.

José Maria

Lá bem no fundo devem d'aparentar, mas no feito, o teu que de mulher, sempre hade ser mais ageitado, mais maneirinho.

Rita:

Quem mos dera adregar num lenço para vêr.

José Maria

O meu, se o podera arrancar do peito, era a oferta que te houvera de dár, no dia das nossas bôdas. Nesse dia, vais para a igreja mais rica que as fidalgas, com as arrecadas que eu mercar e os cordões que a madrinha te ofertou. E eu de jaqueta e chapéu novo, postos a preceito, de bom gosto... No primor do vestir hei-de parecer o Doutor.

Rita, como que já vê tudo

E ao depois, pela sólheira, hão-de chover confeitos...

José Maria
 Como um harmonio, com as duas violas do Manuel, duas cantadeiras e os moços e as moças da vila e má-las do campo, damos brado. Por mór dos foguetes, obra duma legua em redor, ha-de ser uma barulheira dos diabos. Uma alegria pegada! As bodas do Antonio e mais da Rosa, ficam a perder de vista ao pé das nossas. E hade-se bailar toda a noite!... Toda a santa noite!

Rita, pedindo

Mas eu não queria deitar-me com de dia...

José Maria

Não... Os outros que folguem! Eles que bailem. Cá nos, sêmos áparte. *Num repente de ternura, une-se a ela e vai para a beijar...*

Rita, enternecida, afastando levemente com as mãos, o rosto do namorado

Agora não!... que podem vêr. Agora não... *José Maria, perde o tino e aperta-a nos braços com rudeza, beijando-a no pescoço; ela, vermelha, entontecida de amor mas medrosa, pede com ternura*

Zé.. Está-te quedo. Vá... Pode entrar a Maria...

José Maria, largando-a e apanhando o chapéu que lhe caíra

Bom. *Tocando-lhe ao de leve e sacudindo o seu fato domin-gueiro Vai-te a rezar.*

Rita, a compor o cabelo, o olhar quente, as faaes iluminadas, caminhando airosa para o fundo

Adeus Zé! Até logo. Não te fiques amuado!... Não? *bai-xinho Vou fazer uma promessa de azeite ao Santo António. Des-calça as chinelas e sobe as escadas com cuidado.*

Eduardo Malta,

O foot-ball alfacinha

Desintressei-me do *foot-ball* em tempos do lyceu, após uma tre-menda canelada que me poz uma tibia quasi a descoberto e me levou a concluir, para mim, que levar pontapés dos homens, por *sport*, me não agradava nem me servia. Era uma opinião pessoal, evidentemente; e, como todos os exercicios ao ar livre merecem o meu applauso, o estrangeirismo do jogo *bife* não chegava a beliscar sequer o meu na-cionalismo, porque não tinha fóros, e não podia tel-os! de fallar á alma peninsular.

Annos passaram e o *foot-ball*, ao que julgo, não passava das cer-cas dos collegios, entre a *barra* e tantas outras brincadeiras de rapa-zes. Fóra disso, haveria em algumas cidades desafios que interessavam os jogadores e pouco mais...

Na rajada da grande guerra veio bater na peninsula um vento de *foot-ball* que rapidamente assumiu proporções de vendaval. Ha mezes, chegou aos meus ouvidos de alheado, que o numero de espectadores aos desafios se contava por muitos milhares, disputando-se lugares a quantias fabulosas. Interroguei-me sobre a curiosidade da multidão e resolvi-me a presenciar um desafio...

Um electrico "Jardim Zoologico" apinhado de gente, conduziu-me á funçanata... Espraio o olhar pela assistencia de muitos milhares de pessoas — mancha escura, apagada, como as ruas da cidade que para ali mandou o que tem de mais anodino, na ociosidade imbecilisante do domingo, porque a ralacice da semana amollece a sensação de prazer que o descanso produz em quem trabalhou. Nos lugares caros estão novos ricos, hypotheticos em tudo desde a riqueza até ao *chic* que pro-curam dar-se, ôcos como os pneumáticos dos automoveis envidraçados

onde se mostram como peixes de aquario. Ali, estão elles no seu elemento: deslocados na esphera social onde viciam e assapateiram os gestos, passam bem entre a deturpada pronuncia da nomenclatura ingleza do jogo. São tambem consequencias, da guerra europeia, enxertadas num paiz onde a democracia avigora e reforça a inversão de valores em que se esteia e appoia.

Desvio os olhos para o campo: é um quadrilatero cerrado por varolas caiadas a branco, onde os grupos começam a dispor-se tomando posições. Esse mostruario de plasticas que nas raças fortes constitui uma demonstração de robustez, pelo esboçar de musculaturas elasticas, pernas direitas, peitos salientes, cabeças erguidas em pescoços tremidos — offerece-me, santo Deus! um espectáculo desolador: vejo pernas tortas com varizes desenhadas, peitos em quilha, cabeças enfiadas pelos hombros, — num exhibicionismo de pobreza physica, que o pudor manda occultar numa população dessorada pelos vicios duma cidade atrasada na hygiene, arrazada pela syphilis, pela tuberculose, por um alcoolismo réles que nas gerações apparece em rachitismo, myopia e demais fraquezas organicas. Ha mais dum jogador com olhos!

Dado o pontapé inicial, milhares de olhos correm pela trajectoria da bola, saltitante entre corpos mechidos que ás vezes lembram bonecos desconjunctados, numa confusão de batuque, até que um ou outro salto, num embate feliz com a bola, risca no ar uma curva graciosa de movimento. O jogo prosegue e a multidão applaude com vigor phases da lucta, coroa de palmas a victoria, e palmeia tambem os derrotados, porque os grupos tem os seus sequazes e numa certa altura ninguem se entende: esboçam-se conflitos, exaltam-se paixões — na balburdia fatal, de sempre que o vencedor se confunde com o vencido...

Foram estas as impressões que me ficaram dum sport que me não falla á alma e cuja analyse não banii o meu tédio. De resto, não sou obrigado a sentir como os inglezes...

MOTTA CABRAL.

UMA AGONIA LENTA

Muitas e muitas vezes e por deveres do meu cargo eu ia á cidade falar com o meu amigo o Dr. Mendia habilissimo jurisconsulto e homem estimadissimo que ainda hoje, e Deus permita por muitos annos, vive rodeado do respeito e consideração de todos.

Eram sempre as minhas visitas muito á pressa e duma vez só á ultima hora a procurei e já quando me ia embora para a minha aldeia.

Apeei-me á sua porta, entreguei o cavallo a um garoto e subi apressadamente ao primeiro andar onde trabalhava um seu empregado, santa creatura que por um crusado escrevia todo o dia: era este homem muito meu conhecido e devia-lhe até atenções.

Cumprimento-o, pergunto se o Doutor estava no escriptorio que era no segundo andar e nesta altura reparo no seu traje de rigoroso lucto; lembrei-me então de ter ouvido falar na morte de Sua Esposa e aproveito a ocasião para lhe apresentar pesames, desculpando-me de ainda o não ter feito.

Muito naturalmente e para diser qualquer coisa pergunto pela doença e o homem comovidamente e com sinceridade—ele era e é um bom —diz-me "Foi de repente e ainda hoje não sei como; tinhamo-nos deitado cedo, ela gritou muito aflicta e quando eu consegui aeender o candieiro vi-a já..."

Morta? Disse eu consultando o relogio e com muita vontade de pôr ponto na conversa que me estava a retardar a jornada.

Não: a querer-se levantar: pediu-me ainda para chamar uma vizinha nossa amiga; saltei da cama e quando meio vestido ia a sahir do quarto, volto-me e estava...

Morta?

Não... estava a acenar-me com a mão; fui junto d'ela, ainda me disse para chamar a mãe mas nesta altura poz-se mais aflicta e...

Morreu?—a minha impaciencia era já grande.

Não... e pediu-me para arranjar agua para um escalda pés: corro á cosinha, consigo depois de muito trabalho ferver uma pouca e quando lh'a trazia encontrei-a já...

Morta? atalhei eu...

Não... numa grande aflição, com convulsões e a amarfanhar a

roupa da cama; ainda conseguiu meter-lhe os pés na agua, mas cahiu para o lado e...

Morreu? disse eu ancioso por terminar a descripção e satisfeito por a ver—era o que eu cuidava—no fim

Não:... e começou a suar muito, a arrefecer, a pôr-se muito palida e quando eu ia a levanta-la...

Morreu, gritei eu então já apavorado e estendendo-lhe a mão para me despedir

Não:...

Enfim eu nem sei dizer hoje como consegui matar a pobre Senhora e livrar-me d'aquella narração que já me tinha a suar.

Lx.ª Julho 1924

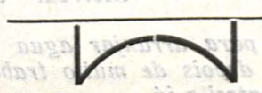
ALBERTO DE MIRA.



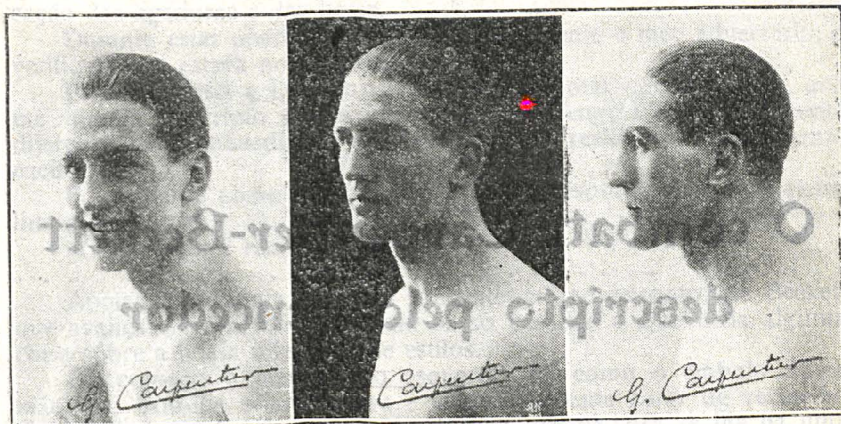
“A REVISTA” comprimenta



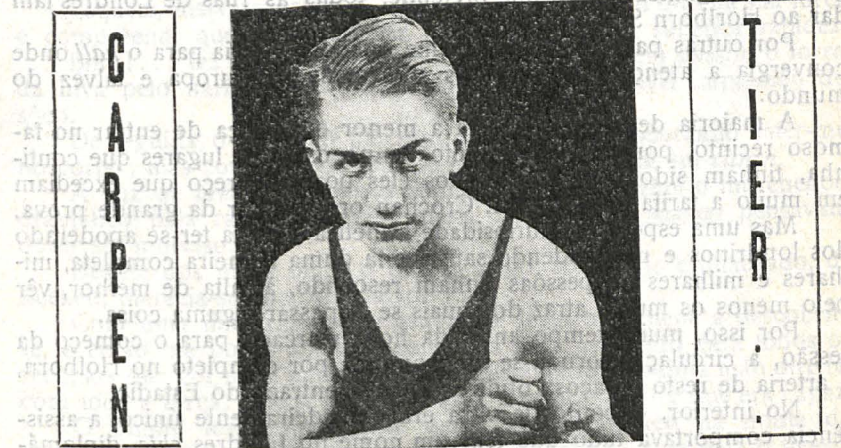
Artur Portela, chegado de Paris; Lino Ferreira a quem deram um banquete de homenagem e Felix Correia, que publicou o livro de cronicadas, Mocidade, Sangue, Amor.



I — OS DEUZES DO PUGILISMO



Na noite de 4 de Dezembro de 1919, segundo uma expressão, in-



ua artistica, litteraria, politica e sportiva.



...m...m...

O combate Carpentier-Beekett descripto pelo vencedor

Na noite de 4 de Dezembro de 1919, segundo uma expressão inglesa que significa bem o que pretende, todas as ruas de Londres iam dar ao Hurlborn Stadium.

Por outras palavras, uma enorme multidão seguia para o *hall* onde convergia a atenção de todos os sportmens da Europa e talvez do mundo.

A maioria deles não possuía a menor esperança de entrar no famoso recinto, porque, desde muito tempo os 4 200 lugares que continha, tinham sido vendidos, muitos êles por um preço que excediam em muito a tarifa oficial de M. Crochan organisador da grande prova.

Mas uma espécie de curiosidade frenética parecia ter-se apoderado dos londrinos e não podendo satisfaze-la duma maneira completa, milhares e milhares de pessoas tinham resolvido, à falta de melhor, vêr pelo menos os muros atraz dos quais se ia passar alguma coisa.

Por isso, muito tempo antes da hora marcada para o começo da sessão, a circulação tornou-se interrompida por completo no Hurlborn, a arteria de resto espaçosa onde se abria a entrada do Estadio.

No interior, o ponto de vista era verdadeiramente único, a assistência comportava tudo que tem um nome no Londres *chic*, diplomática, artística, literária, política e sportiva.

Na primeira fila notava-se o príncipe de Gales, que tinha, não sem dificuldade ganho o lugar de *ring* que lhe fôra reservado.

Eram 10 horas em ponto, quando em resposta ao convite proposto aos boxeurs, eu penetrei no *hall* todo branco de luz, saudado com uma tal oração que seria difícil receber duma assistência exclusivamente composta de francezes.

Logo que entrei no *ring* e conforme um hábito que considero como indispensável a quem quere confirmar a absoluta cortezia das lutas de pugilismo, dirigi-me rapidamente para Beekett — já sentado no seu canto — e apertei-lhe vigorosamente a mão.

Voltando-me depois para o príncipe de Galles fiz um respeitoso cumprimento, que êle agradeceu inclinando a cabeça e com um sorriso amabilissimo.

Desde que voltei para o meu canto, Descamps, com o mais consciente dos vagares, deu cumprimento aos ritos tradicionais: — à colocação das ligaduras e das luvas.

Durante estas operações observei furtivamente o meu adversário, e verifiquei que estava notavelmente comovido.

Particpei isso a Descamps, fazendo-lhe notar que o homem, que me tinham descripto como um modelo de fleugma e absolutamente diferente de Bombardier Wells, devia ser na realidade extremamente excitável.

E, confiante como de costume, François respondeu-me com absoluta segurança:

“O máximo, 2 rounds”.

Apoiado na ponta dos pés precipitei-me ao encontro de Beekett que avançava para mim com um passo pesado, e que dizia alguma coisa sôbre a nossa diferença de estilos.

De começo o meu punho esquerdo, tal como o embolo duma máquina, caiu-lhe sôbre a cara e vi distintamente corar de vermelho vivo o nariz do inglês, ao mesmo tempo que na cara se lhe lia uma enorme surpresa.

Esqueci, instantaneamente, tudo o que me tinham dito da sua força e compreendi que êle devia ser batido pela minha superior rapidez.

Bing!... fez de novo o meu esquerdo. O homem passou o forro da luva pelo nariz, como para dissipar a desagradável impressão do sôco.

De seguida, o inglês fez partir os dois punhos, procurando bater-me no corpo; mas como só me tocasse os cotovelos, caiu em *clinch*.

À voz de *breack*, recuamos ambos, e imediatamente o fim chegou dramático pela rapidez — o fim desse choque que tantos pensavam dever ser indeciso.

Deante dos meus olhos o queixo largo, voluntário e quadrado, de Beekett, oferecia-se como um alvo.

Com uma finta rápida do esquerdo, levei o homem a descobrir-se, e então, na ponta dos pés, como um galo, apelando para todos os recursos que em mim pudiam residir, deixei partir a minha mão direita, com toda a força, toda a potencia, toda a velocidade de que era capaz.

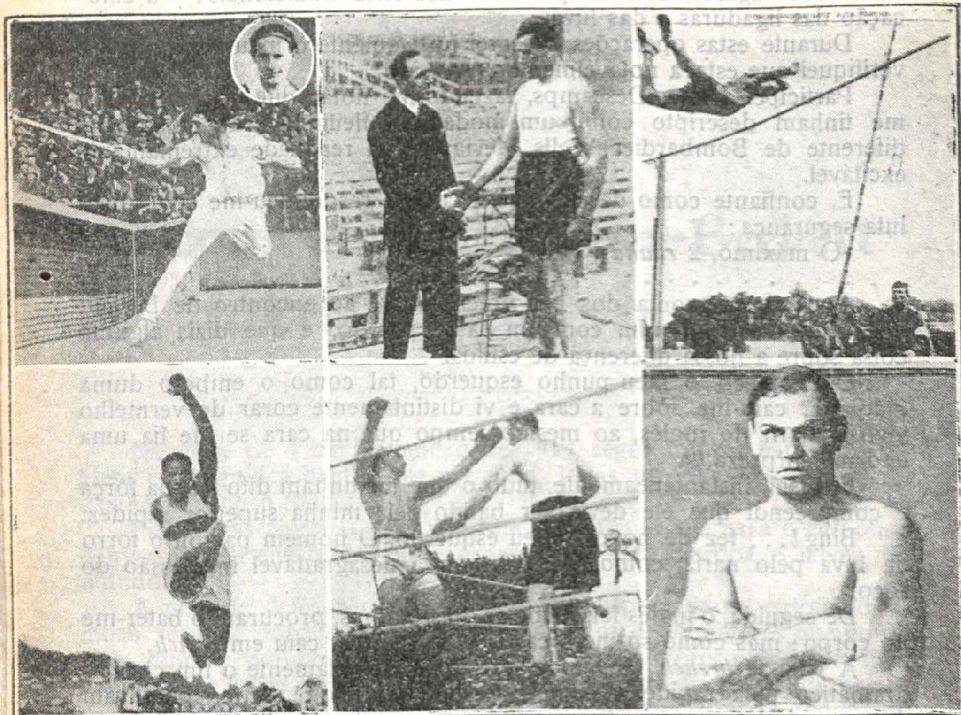
O punho forrado de coiro verde atingiu Beekett na ponta do queixo, no sítio preciso que eu visava; e como se uma bala o tivesse atingido no coração, o homem, dobrando pelos rugosos joelhos, caiu.

Na queda tive ainda tempo para lhe levantar a cabeça com um *uppercut* da esquerda.

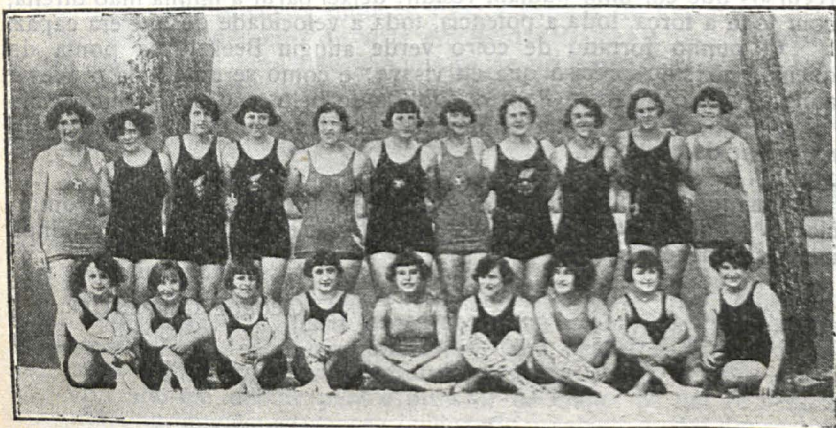
Quando o arbitro, tendo esgotado o rosário dos segundos, pronunciou o fatídico *ont*, o campeão de Inglaterra, estendido no *ring*, ainda nem estremeceira sequer.

GEORGE CARPENTIER.

SPORT DE TODO O MUNDO

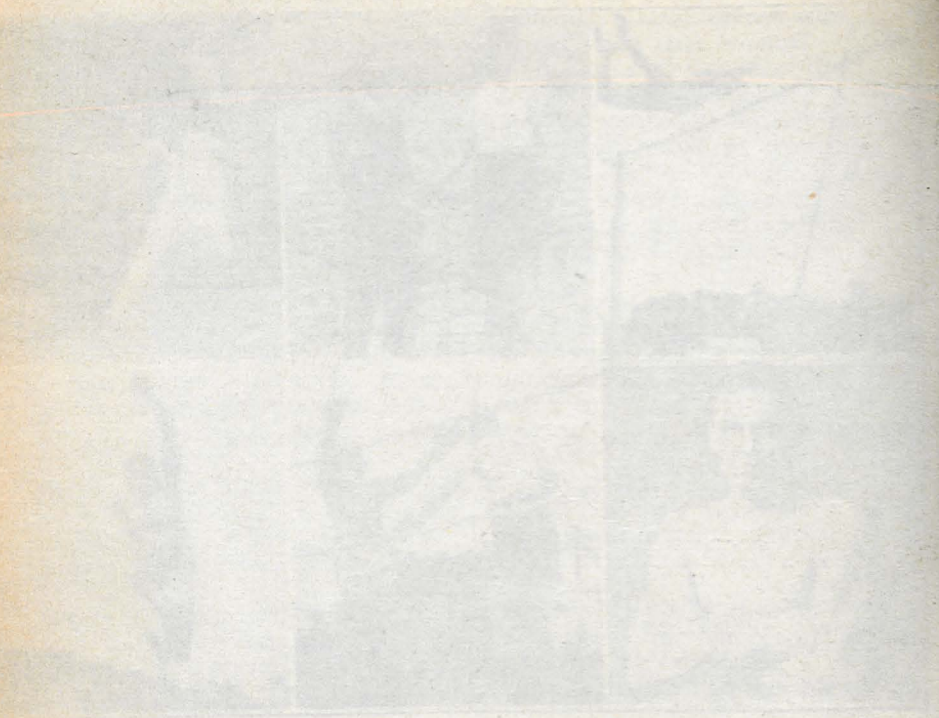


1 — Jean Borotra, campeão de França e do mundo de *men singles*. — 2 — Ermínio Spalla campeão da Itália de box com Trattini também *boxeur* italiano. 3 — O americano Floyd, campeão interuniversitário do salto de vara com 3.^o385. 4 — De Hart Hubbard, também americano, *recordman* do mundo de salto em comprimento com 7.^o696. 5 — Carpentier (à esquerda) esquia um sóco de Tom Gibbons no recente combate nulo que fizeram. 6 — Jack Dempsey o campeão mundial do box.



As nadadoras americanas nas Olimpíadas de Paris

UNUM QUAERITUR O MUNDO



Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page.



O SANTO SUDARIO

Desenho de Eduardo Malta